

RESENHA:

Um lugar chamado vertigem – as insanidades midiáticas da cultura popular norte-americana.

Resenha do livro

DERY, Mark. **The pyrotechnic insanitarium. American culture on the brink.** New York: Grove Press, 1999.295p.

Por Adriana Amaral¹

Mark Dery é um dos mais aguçados críticos culturais norte-americanos, um desconstrutor de fenômenos midiáticos. Professor de crítica de mídia e jornalismo literário da NYU (*New York University*) é autor de *Flame Wars: the discourse of cyberculture* (1994), e *Escape Velocity: cyberculture at the end of the century* (1996), e tem se dedicado a uma refinada análise da mídia, das paisagens visuais e do que chama de “cultura impopular”, utilizando como vetor a Internet e a assim chamada cultura tecnológica.

Em *The pyrotechnic insanitarium. American culture on the brink*¹ (O insanitarium pirotécnico. Cultura americana na berlinda²) Dery apresenta um panorama vertiginoso da cultura norte-americana, seus delírios e medos midiaticizados a partir de uma compilação de ensaios, muitos deles já publicados em cadernos culturais como o suplemento literário do jornal *Village Voice* ou a *The New York Times Magazine*. A mediatização da cultura descrita no livro inclui um confronto do leitor com temas como desvios sexuais, canibalismo, ficção-científica, situacionismo, o carnavalesco, modificação de tecidos, surrealismo, etc. Conforme o próprio autor afirma em seu website pessoal, esses tópicos extremos contribuem para a análise. “Eu quero induzir, no meu leitor, a vertigem que aparece quando nos inclinamos muito longe da borda do abismo cultural”(Dery, Online)³.

O título do livro vem do primeiro ensaio, em que o autor analisa o papel dos parques de diversão que ficavam em *Coney Island*, que com suas luzes e pirotecnias elétricas hipnotizavam as mais diversas camadas sociais na New York City do final do século XIX. Segundo os críticos desses parques que escreviam nos jornais da época, “a assinatura da ilha era uma mistura de diversão infernal e loucura massiva, tecnologia e patologia” (p. 03). As relações entre entretenimento massivo, tecnologia e patologia social formam a tríade conceitual que conduz aos temas centrais da obra.

Ao longo dos 14 artigos que compõem a obra, Dery apresenta o lado obscuro da sociedade norte-americana em seus dramas contemporâneos, como programas bizarros na televisão, teorias conspiratórias, abduções, melancolia como mercadoria, palhaços psicopatas, *Unabomber* e

¹ Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora e pesquisadora do Mestrado em Comunicação da UTP (Universidade Tuiuti do Paraná). E-mail: adriamaral@yahoo.com

terrorismo cibernético, a relação humano/não-humano, assassinos em série, a cultura do simulacro, o neogrotesco, desenvolvendo em cada um deles, o que ele convencionou ser uma “mídiamorfose”, as transformações das ansiedades e fenômenos culturais em processos midiáticos.

Em sua afiada exegese da cultura tecnológica e suas paranóias, Dery percorre Foucault, McLuhan, Haraway, Bataille e Deleuze, entre outros autores, com a mesma perspicácia teórica e profundidade com que trata os videoclipes do Nine Inch Nails, os programas de Jerry Springer, as *graphic-novels* de Batman, Ronald McDonald, e outras figuras presentes no imaginário pop. O autor escrutina minuciosamente a combinação explosiva entre o sensacionalismo da mídia e as angústias da condição humana, contribuindo com um retrato detalhista da passagem das mídias como a imprensa, o rádio e a televisão à era do ciberespaço, chutando assim as perspectivas “cyberfóbicas” tanto quanto o determinismo tecnológico, e apontando o dedo para os cultos neotecnológicos que estão por trás da suposta evolução da técnica. *Pyrotechnic insanitarium* é uma obra que apresenta um pouco do *Zeitgeist* dos Estados Unidos ao findar do século XX, que, no fim das contas é um pouco do *Zeitgeist* de todo o Ocidente, no limiar entre a cultura popular e a comunicação, entre a tecnologia e a paranóia.

Nessa obra, Dery mostra sua afiliação com o chamado pensamento crítico sem soar frankfurtiano. Para além das teorias da comunicação e da cibercultura, o texto é prazeroso, repleto de neologismos, intertextos e trocadilhos bem-humorados com nomes de filmes, canções e livros famosos. Um pouco como se Baudrillard tivesse frequentado o CBGB em NYC circa 1975-1976⁴ e se encharcado de cultura pop. Resta-nos agora aguardar a sua mais nova produção, assim como a tradução de suas obras para o português.

- ¹ Essa é a sua obra mais recente. No momento, Dery está escrevendo um novo livro, conforme postou em seu weblog, disponível em <http://www.markdery.com/blog.html> . Acesso em 10 jun. 2006.
- ² Tradução livre da autora.
- ³ <http://www.markdery.com/author.html>
- ⁴ CBGB é o nome do famoso club novaiorquino – localizado entre o Village e o Soho- onde começou a cena estadunidense de punk rock no período de 1975-1976. O bar usa como slogan a frase “Home of the underground rock” (“lar do rock underground”). Disponível em : <http://www.cbgb.com/>